

Memórias de um Preto-velho

© 2024 – Conhecimento Editorial Ltda

Memórias de um Preto-velho

AMANDA DUBOIS / HUGO MARTINS

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Edição de texto: Margareth Rose Carvalho

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustrações: IA Freepick

ISBN 978-65-5727-172-8

1ª Edição – 2024

• Impresso no Brasil

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Dubois, Amanda (Espírito)

Memórias de um Preto-velho / obra psicografada por Hugo Martins – 2ª edição – Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2024.

100 p.

ISBN 978-65-5727-172-8

1. Literatura espírita 2. Espiritismo - Mensagens 3.

Obra psicografadas I. Título II. Martins, Hugo

24-2961

CDD – 133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura espírita

Amanda Dubois

Memórias de um Preto-velho

Obra psicografada por
Hugo Martins

2024



Dedicatória

Dedico este livro a todos os irmãos, encarnados e desencarnados, que ainda sofrem o desequilíbrio mental provocado pelos processos obsessivos.

Agradecimentos

Agradeço imensamente a Deus pela oportunidade de ter servido como instrumento para a materialização desta obra, que certamente abrirá o horizonte para várias pessoas que já têm olhos para ver e ouvidos para ouvir as verdades espirituais que permeiam nossa vida; aos amigos do Meimei e do Centro Espírita Luiz Gonzaga, de Pedro Leopoldo (MG); a toda equipe do Núcleo Espírita Casa do Caminho, cujos abnegados companheiros de jornada nos inspiram a continuar no árduo trabalho da busca incessante pela verdade que liberta a alma; e em especial à minha esposa Bianca, que tem se mantido firme ao meu lado durante toda essa trajetória.

Hugo Martins

Sumário

Dedicatória	5
Agradecimentos.....	7
Apresentação	11
Prefácio	13
No metrô de Paris	15
Na solidão do apartamento.....	17
Fantasia ou realidade?	19
Encontro inusitado	21
Ceia de Natal	23
O dia seguinte.....	25
Réveillon	27
No hospital psiquiátrico	29
A despedida	31
Viagem ao Brasil.....	33
O Dia D	35
Sarah e a magia negra	39
Dialogação de Pai João de Aruanda	43
O caso Robson	47
Palestra edificante	51
Na reunião mediúnica de esclarecimento	53
Obsessão e mediunidade.....	57
Incompreensão da humanidade	59
Espiritualidade sem fronteiras	61
Sonho revelador	65

Preconceito e ignorância.....	67
Compreendendo a diversidade	69
Amor e empatia	73
Nosso lar e a potência dos recursos da natureza	75
Elucidações	77
Colocando o pingo no “i”	81
Mensagem final	83
Posfácio.....	87
A história de Abá Cuntá	87

Apresentação

Existe a crença de que na sessão mediúnica de desobsessão das casas espíritas reúnem-se as condições necessárias para se resolver quaisquer problemas relacionados ao campo de influência espiritual, contanto que se trabalhe com amor e pureza de sentimentos. Todos advogam que a palavra certa, empregada com vibrações de amor sincero, seja capaz de dobrar qualquer espírito imbuído de um propósito infeliz contra alguém. Porém, ao longo de anos de trabalho, fomos identificando alguns casos refratários à terapia desobsessiva, que por vezes eram atribuídos à falta de vontade do assistido em colaborar com o tratamento, ou à falta de desejo de empreender a tão conhecida reforma íntima que proporciona a libertação do jugo soez pelo perseguidor espiritual.

É muito estranho acreditar em magia ou feitiçaria, mas pessoas que se dizem vítimas de tais processos parecem ter mentes sugestionáveis, sendo muitas vezes rotuladas de portadoras de auto-obsessão. Também há a crença de que, se isso realmente existe, todos são capazes de resolver tal imbróglio na tradicional reunião mediúnica.

Este livro é para aqueles que desejam buscar a verdade, mesmo que nesse caminho encontrem situações que se revelem contrárias aos seus conceitos mais arraigados ou socialmente aceitos, pois o mais importante na vida é a liberdade de poder descobrir a cada dia que sabemos muito pouco acerca da realidade em que estamos inseridos.

Amanda



Prefácio

Acaso poderia alguém imaginar que um jovem de vinte e dois anos de idade, morador da cidade de Paris, com diagnóstico de transtorno bipolar do humor, firmado por uma das maiores autoridades mundiais na área, iria encontrar o conforto para seu desequilíbrio mental nas palavras simples de um preto-velho?

Essa é a história de Pablo, um jovem cheio de sonhos e ilusões, vivacidade e pureza de sentimentos, capaz de dar seu único pedaço de pão para o mendigo que lhe cruza o caminho nas ruas movimentadas da cidade-luz e, ao mesmo tempo, se chatear com qualquer banalidade do dia a dia.

Trevas e luz, acertos e erros, mansidão e agressividade, essas são faces de uma dupla polaridade que caracterizam muitas das pessoas comuns, mas que às vezes conduz a criatura para o abismo da loucura. Nesta despretensiosa obra, a veneranda irmã Amanda narra a história de Pablo e de várias outras criaturas que, como ele, encontram a pacificação de suas almas durante os atendimentos numa casa espírita.

João de Aruanda



No metrô de Paris

Numa tarde chuvosa, Pablo estava voltando de mais um dia de aula, andando pelas ruas congestionadas de um dos bairros centrais de Paris em direção ao metrô, quando de repente teve um acesso de hipermnésia, em que todas as lembranças de sua vida inteira emergiam de uma só vez para sua consciência. Momentos marcantes, como a primeira vez que beijara uma garota, até eventos triviais como um fim de semana na praia com a família, vinham todos de uma só vez, trazendo uma sensação de perturbação indescritível para uma mente acostumada ao raciocínio linear.

A sensação foi desaparecendo aos poucos e ele ficou imaginando que tudo aquilo era resultado do excesso de trabalho, ao qual os médicos rapidamente dariam o nome de síndrome de *burnout*, e que logo mais estaria em perfeita condição de paz e harmonia interior. Mas, quando já avistava a entrada principal da estação do metrô Saint-Michel, veio a segunda onda de arrepios e calafrios e, dessa vez, escutava claramente uma voz lhe dizendo coisas que ele absolutamente desconhecia.

Não sabia identificar a origem das vozes: se o seu cérebro as produzia ou se partia de algum lugar até então ignorado. O fato é que, já acomodado no vagão, olhava para os passageiros e, deixando-se envolver por um doce sentimento altruístico que provinha de uma fonte desconhecida, começou a sentir um amor profundo por todas as criaturas que estavam no trem.

Num impulso, levantou-se e abençoou a todos. Cantava numa língua estranha, com um sotaque indígena, fazia gestos

parecidos com um ritual religioso e, quanto mais se deixava penetrar por aquele sentimento, mais carinho brotava dele em direção a todos. Abraçou um idoso adoecido, disse palavras de estímulo ao latino desconfiado, osculou a mão de um padre e, de repente, percebeu que a faixa de vibração em que pairava era quase exclusivamente sua.

Nenhuma das pessoas parecia compreender a sublimidade daquele instante. Atônitos, perplexos, aparentemente descontentes com sua manifestação de alegria e prazer por estar vivo, foram se afastando um a um. Davam-lhe as costas, fingiam atender ao telefone celular, sussurravam que ele estava louco. Quando a tristeza começou a lhe invadir a alma, chegou à estação. Desceu cabisbaixo, pensativo, sem saber ao certo o que lhe havia acontecido. Será que estava realmente ficando louco? O que diriam seus amigos quando lhes contasse os episódios vivenciados naquele dia? De qualquer forma, como tudo era novo para ele, resolveu esperar e confiar na providência do tempo, que é o sábio mudo.

Na solidão do apartamento

O jantar naquela noite estava insípido, como sempre. Sozinho em seu apartamento, esperando a chegada da namorada que dividia com ele o *flat* apertadíssimo havia alguns meses, teve a impressão de que a televisão tinha ligado sozinha. Achou que Karen tinha chegado mais cedo e se dirigido à sala de estar. Mas, para sua surpresa, não havia ninguém lá, tampouco sinais de que a TV estivesse ligada. Então foi para o quarto descansar, imaginando que o estresse da rotina da cidade grande pudesse estar afetando sua sanidade mental. Colocou o pijama e, quando estava escovando os dentes na pia do banheiro, teve a sensação de ter visto a imagem de alguém no espelho. Uma sensação parestésica percorreu toda sua coluna e teve a certeza de que, naquele instante, estava acompanhado de alguém. Mas como nunca acreditou em nada que não pudesse ver, apalpar ou cheirar, pensou: “O que está acontecendo? Será que estou adoecendo?”.

Seguiu seu instinto e foi para a janela contemplar as estrelas. O que estaria por trás dos segredos da natureza, tão perfeita? Existiria alguma força desconhecida dominando os movimentos dos planetas? E as estrelas... mortas havia tanto tempo, tão distantes de nós e ainda nos presenteando com sua beleza enigmática... Todas as suas conjecturas foram interrompidas pela voz soprana de Karen, anunciando sua tão esperada chegada. Pablo beijou-lhe as mãos e ansiosamente começou a contar todas as ocorrências do dia.



Fantasia ou realidade?

A princípio, Karen achou que tudo que ele falava não passava de uma brincadeira, coisas de um recém-adolescente que teimava em continuar fantasiando a vida. Mas depois de alguns minutos de conversa e várias juras de fidelidade em relação ao acontecido, sua face se modificou de tal forma que uma boneca de cera pareceria mais saudável.

Ela repetia na forma de um mantra que ele estava louco. Não entendia como poderia uma pessoa como ele, tão equilibrada, perder de forma tão abrupta o juízo crítico dos eventos mais simples. Então, o próprio Pablo também começou a questionar se tudo não tinha passado de um delírio, e a dúvida se apoderou dele.

Não havia para ele situação mais penosa do que a incerteza sobre a própria sanidade mental. Lembrou-se de um livro que tinha lido no Brasil, no início da juventude, de um autor clássico chamado Machado de Assis, o qual contava a história de um médico alienista que trabalhava numa cidade interiorana do Brasil e que havia internado vários habitantes daquele município com a justificativa de que seus hábitos e costumes não eram próprios de pessoas que gozavam plenamente de suas faculdades mentais. O que diria o dr. Simão Bacamarte dele, se ouvisse suas histórias?

